

O MEIO DA TRAVESSIA: notas de uma pesquisa de campo*

Terezinha Elisabeth da Silva**

Resumo

Analisa questões relativas às pesquisas qualitativas. Discute o processo de escolha do tema de pesquisa e a definição de métodos e técnicas empregadas. Relata o contexto das entrevistas e aborda a problemática da subjetividade do pesquisador em coleta de dados qualitativos.

"Digo, o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"
Riobaldo (*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa).

1 INTRODUÇÃO

Um grande número de autores é unânime em defender a necessidade de discussão de métodos e técnicas empregados em pesquisas qualitativas, principalmente por que elas vêm sendo utilizadas indiscriminadamente, na tentativa de legitimar um empiricismo exagerado, em negação de um positivismo qualitativista (CARDOSO, 1986). Mas falta a reflexão metodológica, ou ela não tem sido conduzida na maioria das pesquisas.

Não é prudente utilizar métodos qualitativos apenas como instrumento de oposição ao "positivismo qualitativista". O método não se justifica por si só, nem deve ser fruto de modismos.

Os métodos qualitativos foram introduzidos como forma de conferir maior subjetividade e até maior envolvimento emocional do pesquisador com o seu objeto de pesquisa; necessidade reclamada pela crítica aos métodos quantitativos. Mas isto não significa que nessas pesquisas o rigor científico deve ser abandonado.

Este ensaio apresenta a memória analítica crítica da pesquisa de campo realizada para minha dissertação de mestrado. Escrita basicamente na primeira pessoa, é uma tentativa de pensar o método e a técnica empregada na coleta de dados.

Utilizei o caderno de campo para registro da memória e como instrumento de controle da subjetividade - ou da objetividade. Todas as questões relevantes - que oferecessem conflitos, ou que fossem resultado de decisões sobre a forma de conduzir o trabalho - além das notas importantes de leituras, foram ali anotadas. E se antes ele era para mim apenas uma peça do "folclore antropológico", depois se revelou como um importante instrumento de trabalho.

Ressalto que este ensaio não faz uma discussão da metodologia enquanto disciplina do conhecimento, mas sim da prática da pesquisa e do contexto da descoberta, revelando procedimentos presentes no cotidiano do trabalho. (NUNES, 1978)

* Apresentada originalmente como o capítulo "Memória da pesquisa", na dissertação "Território da utopia/área de risco Política Cultural: venturas e desventuras a experiência da Uberlândia (MG)". Orientador Prof. Paulo de Tarso Cabral de Medeiros

** Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB

2 ESCOLHENDO O PROBLEMA

É a relação anterior com uma questão que define para a maioria dos pesquisadores o seu objeto de pesquisa. E como resultado de uma relação de vida, não sabemos se somos escolhidos ou se escolhemos.

Fato é que seria inviável eleger como tema de pesquisa qualquer assunto que não fornecesse indagações provocadoras de motivação bastante para vencer os obstáculos que o caminho revela.

No período de 1984 a 1988, trabalhei na Divisão de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, e entrando para o Mestrado em Biblioteconomia da UFPB pensava em fechar o foco de minha pesquisa em questões relativas à biblioteca pública no Brasil. Não era pretensão repetir estudos fastidiosos sobre a ineficiência da instituição, como forma de comprovar uma situação óbvia de descaso do poder público. Seria redundante, cansativo e sem motivação. Antes, pretendia pesquisar, ou dar continuidade às pesquisas sobre ação cultural em bibliotecas públicas, o que, a meu ver, é uma forma de avançar nas propostas e vencer todo aquele descomprometimento.

Mas aquela experiência de trabalho se mostrava muito rica e não se restringia aos limites de ação da Divisão de Bibliotecas. O que aconteceu naqueles cinco anos foi uma tentativa de articulação de todos os segmentos culturais dentro da proposta de Política Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Seria empobrecedor reduzir o objeto de estudo à experiência da Divisão de Bibliotecas, tendo todo um universo maior no qual ela orbitava e com a qual se relacionava tão intimamente e nas mesmas razões que os outros braços daquela Secretaria.

Assim, a justificativa do projeto de pesquisa fecha com as seguintes considerações:

Aquele período me proporcionou novas visões, dentre elas, a de uma Biblioteca Pública dinâmica e participante efetiva do processo de elaboração e prática de uma política cultural. Além disso, é inequívoca a relação da Biblioteconomia com as políticas governamentais e os aspectos sociais que definem as ações da Biblioteca Pública. (SILVA, 1990, p. 4-5)

E notória a urgência e a necessidade que percebi de se situar a Biblioteca Pública dentro do contexto que condiciona suas práticas. Não havia interesse em menosprezar pesquisas anteriores e sim a tentativa de ver a Biblioteca Pública como mais um elemento fazedor da ação cultural, interagindo com outros organismos e com a coletividade.

A etapa que seguiu à escolha do tema foi repleta de questões obscuras, ainda sem possibilidade de completa verbalização, surgidas como fruto da experiência sentida e não como resultado de um trabalho teoricamente estruturado. Elegi o assunto Política Cultural motivada pelo trabalho na Secretaria e pelo questionamento que a ambigüidade da relação cultura e poder provoca, e como nós, os agentes deste poder, interferimos nesta relação. Vejo aí uma motivação inequívoca para qualquer pesquisa, ou seja, a contradição.

Explicitarei esta contradição pensando nas duas esferas: cultura, como sinônimo de liberdade, felicidade e prazer; e poder significando controle, burocracia e trabalho. A elaboração parece reducionista, mas foi fundamental para clarificar o que pretendia analisar.

Que material pesquisar? Tratando-se da história recente, passada numa cidade do interior, não existem documentos já elaborados nos quais eu pudesse realizar um trabalho de análise***. A fim de verificar o papel dos agentes culturais, que denomino intelectuais, seria necessário dar-lhes a palavra e buscar verificar pela análise das falas, sua forma de atuação. Complementando-os, ou contrapondo-os estariam os elementos do "outro lado",

*** A inexistência de fontes documentais muitas vezes determina a realização de uma pesquisa com fontes vivas, através de relatos orais (depoimentos, histórias de vida). (QUEIROZ, 1987)

os produtores culturais da cidade. A coleta de dados através de entrevistas gravadas se mostrou como única alternativa, além de oferecer grande desafio, o que em si é positivo.

Assim, após leituras direcionadas para as questões levantadas, o projeto de pesquisa tomou corpo.

Não são incomuns as crises existenciais, a tensão e a insegurança que perpassam o desafio da elaboração do projeto e da dissertação (CASTRO, 1978). Imagino que muitos mestrandos se vêem atormentados, buscando justificar a validade de sua pesquisa, principalmente quando alguma circunstância externa depõe contra ela. Uma das reflexões que registrei no caderno de campo diz respeito à minha insegurança por abordar o assunto política cultural.

Como refletir sobre cultura neste momento (1990), quando o sistema está sendo implodido pelo governo federal? Este é um conflito terrível. Sinto-me um pouco romântica falando sobre cultura, que nas circunstâncias atuais é artigo de luxo. O atual governo (Collor) está nos estragando e acabando até com a nossa capacidade de reflexão. Começamos a raciocinar 'por baixo', ou seja, o que ele nos oferece, por pouco que seja, já é o bastante.

Mais adiante, menos apaixonada, fui percebendo que as ocasiões mais apropriadas para se discutir cultura, são justamente aquelas em que ela é de alguma forma cerceada, quer pela censura, quer pelo descaso. Se omitimos a reflexão estamos fazendo o jogo que o poder estabelecido pretende e de alguma forma nos impõe.

3 DEFININDO MÉTODO E TÉCNICA

Ao sermos introduzidos no manancial teórico sobre metodologia em Ciências Sociais, nós, com formação técnica e desconhecedores deste universo, encontramos-nos perdidos, o que se acentua com o decorrer de novas leituras. Nem sempre é possível enquadrar em tipologias estanques as metodologias que nos são dadas a conhecer. Mais importante que os rótulos, seria a compreensão dos procedimentos metodológicos e sua aplicação, tendo em vista os propósitos da pesquisa e ainda os fatores que condicionam a utilização de cada método e técnica.

No caso específico desta pesquisa pude perceber que mesclavam-se métodos, dificultando uma conceituação mais precisa.

Poderia pensá-la em termos de pesquisa participante, também chamada observação participante. Neste contexto o investigador se envolve com as pessoas daquela situação para conseguir maior interação, comunicação e para ser aceito como um indivíduo não totalmente estranho. Já a pesquisa-ação, se baseia na total fusão do pesquisador com o grupo pesquisado. Eles desempenham papel ativo, visando alcançar objetivos de transformação de uma dada realidade. Os resultados deste tipo de pesquisa extrapolam relatórios, teses ou dissertações, têm propósitos claramente políticos. (THIOLLENT, 1986). Algumas críticas têm sido feitas à forma de condução destas pesquisas, que vêm enfatizando muitas vezes a ação ou a participação, em detrimento da pesquisa ou observação. Estão se transformando em participação observante. (CARDOSO, 1986; DURHAM, 1986)

Estive investigando uma realidade já conhecida por uma experiência de cinco anos, isto não é o mesmo que explorar uma aldeia Ianomami. Havia participado e atuado anteriormente naquela situação, não como pesquisadora, antes como mais um elemento daquela equipe de funcionários. Esta não seria de forma alguma pesquisa-ação. Se fosse inteiramente necessário classificá-la, ela poderia ser caracterizada como pesquisa participante, embora meus contatos com os informantes tenham ficado restritos às

entrevistas; não me envolvi em seu cotidiano de trabalho.

Tendo tentado definir o método, passo a caracterizar a técnica empregada. Quando utilizo o termo entrevista, o faço num sentido amplo, significando um encontro, uma comunicação entre duas pessoas. A técnica seria a de depoimentos, que é a mais apropriada para registros de histórias pessoais dentro de um lapso curto de tempo, e permitem por isso um aprofundamento maior das questões tratadas (QUEIROZ, 1983). Na verdade, o termo depoimentos pessoais pode não ser tão acertado se considerarmos que ele pressupõe um monólogo do informante, em vez de uma conversa. O conjunto de entrevistas que realizei não se constitui num iodo homogêneo. Muitas são as diferenças formais entre elas, principalmente porque são produtos de diálogos com várias pessoas, resultados de interações diversas. A denominação depoimentos pessoais prende-se, portanto, à característica de conteúdo das entrevistas.

4 ENTREVISTANDO OS INFORMANTES

Esta foi a fase mais significativa de toda a pesquisa, ou a que ofereceu maiores desafios, afinal, desde minha saída da Secretaria Municipal de Cultura em 1988, não havia retornado a nenhum daqueles espaços físicos que foram tão explorados durante cinco anos. As pessoas as encontrava em situações informais e, às vezes, ao acaso.

A fim de operacionalizar a pesquisa, utilizei a estrutura organizacional da Secretaria. Em cada uma das três Divisões - de Bibliotecas, de Cultura e de Patrimônio Histórico - escolhi projetos de relevância de onde selecionaria os informantes. Julguei importante reservar para a Divisão de Bibliotecas dois projetos, principalmente por tratar-se de dissertação para um Mestrado em Biblioteconomia. Os projetos selecionados foram: a) Divisão de Bibliotecas: Carro Biblioteca e Atividades de Extensão Cultural; b) Divisão de Cultura: Centro Cultural Itinerante (Projeto Circo); c) Divisão de Patrimônio Histórico: Museu de Ofícios. No todo entrevistei 15 pessoas, entre funcionários da SMC e elementos dos movimentos culturais.

O projeto de pesquisa esclarece que: "não há preocupação com a representatividade numérica dos depoentes e sim com a sua participação no processo que se pretende estudar", o que de alguma forma já delinea um critério não aleatório de escolha dos informantes. (SILVA, 1990). O entrevistado precisaria ser selecionado em função da qualidade da informação que pudesse oferecer.

Na realidade os depoentes foram sendo escolhidos à medida que o projeto de pesquisa tomava forma. Em se tratando das entrevistas reservadas aos funcionários da Secretaria, tinha em mente todas as pessoas que julgava importantes. Os informantes dos movimentos culturais que fariam o "contraponto" da Divisão de Bibliotecas também foram escolhidos nestas mesmas condições; os demais, relativos às duas outras Divisões - de Cultura e de Patrimônio histórico - foram selecionados a partir de indicações de funcionários da Secretaria, visto o meu relacionamento anterior com estas pessoas ter sido menor.

Reservei quatro meses para o trabalho de campo - entre novembro/90 e fevereiro/91 - já prevendo os desencontros causados por férias e pelas festas de foral de ano e do carnaval.

Sentindo-me insegura e ainda não preparada para aquele enfrentamento, fiz algumas leituras novas e reli muitos textos sobre metodologia. Quando percebi, o mês de novembro havia se acabado.

Em meados de dezembro, dei-me conta de que a demora na leitura dos textos e a extrema preocupação com a condução das entrevistas ocultavam um desejo, talvez inconsciente, de adiar aquele reencontro. Afinal, não seria nenhum encontro meteórico como haviam sido os anteriores e de alguma forma isto me atormentava. Naqueles espaços que antes foram "meus", onde muitos colegas ainda trabalhavam, agora circulavam outras idéias, outras práticas, sabidas diferentes das que ajudei a realizar.

Mas a pesquisa me aguardava e não havia como abdicar desta função. São aflições que

entendo normais neste tipo de investigação; os obstáculos são árduos, mas não intransponíveis. O Natal já fazia véspera e o mês de dezembro se fora com rapidez. Fiz contatos por telefone marcando encontros para o início de janeiro.

Neste ponto, passo a relatar as questões relativas às entrevistas propriamente ditas, numa abordagem geral das considerações que julgo importantes, ilustrando com alguns exemplos significativos.

As entrevistas com funcionários da Secretaria foram realizadas em horário e local de trabalho; as demais pessoas, exceto três, foram entrevistadas em suas residências. O material coletado perfaz um total aproximado de 17 horas de gravação. A seqüência das entrevistas não obedeceu critério pré-estabelecido e sim a disponibilidade das pessoas.

Os entrevistados mostraram-se prestativos, ninguém se recusou, embora três pessoas tenham demorado em conseguir tempo para os encontros; notei - talvez intuitivamente - que aquelas pessoas se esquivavam. Não podendo prescindir de seus depoimentos, insisti e consegui entrevistá-las.

No encontro marcado para a gravação, explicava o assunto da pesquisa, sem detalhar a respeito dos objetivos específicos e das questões que pretendia levantar. Algumas vezes não foi no primeiro contato que a entrevista aconteceu.

Certos informantes pareciam sentir-se inseguros quanto à sua qualificação para a pesquisa, dizendo frases do tipo: "Não sei se poderei ajudar", ou "Não sei se era isto o que você queria ouvir". A seleção das pessoas pela qualidade de sua informação demonstra que o investigador imagina ter feito a escolha certa; não implica o informante ter de dizer o que ele quer ouvir. Logicamente, quando vamos para uma entrevista, temos o elenco das questões que serão abordadas; é sobre isto que o pesquisador pretende ouvir, não significando que ele tenha respostas prontas que queira ouvir dos informantes. É claro que saindo de algumas entrevistas, sentia-me frustrada; de outras, numa plenitude beirando a euforia. Existem aquelas pessoas que falam em profundidade e em detalhes sobre o que se questiona e muitas vezes extrapolam os limites, fazendo com que se passe a considerar novos pontos. Outras, por razões várias, falam como se estivessem elaborando um relatório técnico de trabalho.

Exemplificando. No caso da Divisão de Bibliotecas, eu esperava falas muito ricas de certas pessoas, mas, justamente delas o relato não fluía, era preciso quase arrancar-lhes a palavra, o que resultavam num estilo enfadonho de perguntas e respostas. Minha expectativa era maior do que o que correspondeu a realidade. Além disso, pude perceber a grande distância existente hoje entre nós, obra talvez da dicotomia teoria versus prática. Enquanto aquelas pessoas estavam preocupadas com problemas triviais e "mundanos" de seu trabalho, eu questionava abstrações. No entanto, foi aquela rotina que me levou à necessidade de abstração, uma oscilação que deveríamos fazer sistematicamente.

Voltando à fluência da fala, é muito gratificante quando a pessoa entrevistada sintoniza o desejo do entrevistador e este não precisa inundá-lo de perguntas. Iniciei a maioria das entrevistas pedindo às pessoas que contassem a história de sua admissão na Secretaria de Cultura, no caso dos funcionários, ou de como começaram o trabalho com projetos da Secretaria, em se tratando em informantes dos movimentos culturais. A partir daí, fazia ganchos nas falas das pessoas, e caso elas não tocassem em alguma questão que havia elencado no projeto, elaborava uma pergunta mais direta, introduzindo o assunto.

Observei que os informantes da Divisão de Cultura, ou os que guardam uma relação mais dinâmica com a comunidade, proporcionada até pela característica do próprio trabalho, têm mais coisas a dizer. São mais soltos e contextualizam espontaneamente as questões.

O início de todas as entrevistas caracteriza-se por falas "amarradas", o que diminui no seu decorrer. É prudente não reservar um tempo muito rígido para a conversa, pois antes de ligar o gravador, e antes mesmo de colocar em mais detalhes o assunto da pesquisa, é bom que aconteça uma conversa informal para "esquentar" o contato. E o entrevistador quem determina este tempo, o que ajuda a mostrar a seriedade do trabalho e a preparar o terreno para a

entrevista propriamente dita.

As conversas de "aquecimento", principalmente com funcionários da Secretaria, foram dirigidas por eles mesmos para a realidade atual do trabalho e sua frustração diante da impossibilidade de desenvolver projetos como os anteriores. Eu sabia que existia aquela situação de baixo astral na equipe, mas encará-la de frente, foi difícil. Para aquelas pessoas, eu era uma ouvinte de fora, ainda que não totalmente estranha. Várias vezes me disseram: 'você está muito bem, todos os que saíram da Secretaria estão bem'. Ali estava eu, não totalmente estranha, talvez mudada e isso ouvi de um entrevistado: 'você está diferente, esquisita, está com um olhar observador'.

Mesmo durante as entrevistas não foi possível ignorar a Secretaria de Cultura dentro da atual administração, ou seja, a partir de 1989. Inicialmente, pretendia orientar os relatos exclusivamente para o período de 1984 a 1988. No entanto, como forçar aquelas pessoas a não falarem sobre a situação que estão vivendo? Mesmo porque a prática atual se mostra como sendo o extremo oposto da precedente, um retrocesso. Agora que existe parâmetro de comparação, as pessoas estão constantemente buscando na memória o modelo anterior. O complicador é que pode existir nos informantes e em toda equipe envolvida nos dois períodos, tendência a super-dimensionar a administração passada

Quanto à forma, uma entrevista jamais é igual a outra. São necessárias abordagens e conduções distintas, e o entrevistador deve estar atento para perceber isto e definir como fazê-las. Além disso, existe diferença marcante, entre as situações da primeira e da última entrevista. Neste caso, a primeira foi permeada por angústias pelo retorno aos ambientes da Secretaria de Cultura, na última já havia transposto estes obstáculos e aprendido muito com os contatos anteriores.

Apesar desse aprendizado, cada entrevista é uma situação a se descobrir. Com certos entrevistados, por mais que eu insistisse, não conseguia dar o direcionamento que desejava às questões sobre cultura. Quando percebia, as pessoas haviam fugido do assunto e estavam falando de outras coisas, suas lutas cotidianas.

São muitos os fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso da entrevista. Um deles é o gravador que se interpõe entre o entrevistador e o entrevistado. Por mais acostumados que estejamos com este instrumento, ele ainda é um elemento estranho que às vezes inibe e até recorda situações desagradáveis. Um dos entrevistados falou do seu medo do gravador, lembrava-lhe circunstâncias que não gostaria de rememorar. Seu depoimento, embora longo, assemelha-se mais a um relatório. Não tem emoção. Desligado o gravador, a pessoa começou a dizer coisas muito significativas, mas seria inabilidade e falta de respeito voltar a ligá-lo. Jamais o entrevistado deve ter sua fala gravada sem seu consentimento e muito menos sem sabê-lo. Outra pessoa também expôs claramente a inibição com o gravador, disse preferir relatar por escrito; sugeriu que eu fornecesse perguntas que ela responderia no papel. Expliquei que não existiam perguntas formuladas, que não seguia roteiro rígido, que ele se definia no decorrer da entrevista. Argumentei ainda que a fala é mais rica, além de ser importante o contato pessoal. Para realizar esta entrevista foram necessárias duas sessões, e ainda que o resultado não tenha sido dos melhores, isto é preferível a ter um relato escrito onde a racionalidade contribui sobremaneira para a elaboração.

Além daquela pergunta: "O que você quer ouvir", dita várias vezes, um entrevistado alertou que poderia conduzir sua fala de duas formas: como as coisas aparentavam ser e como ele sente que são. Não optei diretamente, mas introduzi o assunto pedindo que ele desse um depoimento pessoal. É difícil perceber quando a pessoa, falando, revela ou omite informações para o investigador. Mas o que vai ser buscado não é a verdade daqueles fatos, mas as divergências e convergências dos relatos, por isso interessa que a pessoa fale, que forneça material para a pesquisa.

Se eu fosse uma estranha, talvez aquela pessoa não tivesse falado sobre as duas formas possíveis de conduzir seu relato.****

**** "As relações sem afeto conduzem a maior honestidade do que as relações afetivas." Esta foi uma das críticas que Sidney Minciz recebeu acerca de sua pesquisa com Don Taso, de quem se tornara amigo. A amizade do pesquisador com o pesquisado impossibilita a realização do trabalho de investigação? Estas são questões analisadas por MINTZ, 1984.

Entrevistar pessoas já conhecidas, se por um lado facilita a aproximação, por outro lado oferece mais desafios que entrevistar estranhos. Primeiro porque o aspecto emocional interfere com força maior. É possível ainda que o entrevistado concorde em falar apenas por gentileza e em consideração ao relacionamento anterior. Algumas vezes, fazendo contato com ex-colegas de trabalho fui tomada por esta sensação.

Volto à questão da amizade, pressuposto do não estranhamento total, para refletir sobre a postura dos dois sujeitos: entrevistador e entrevistado. Realmente, a entrevista é uma forma de comunicação, ainda que seja não equilibrada, pois revela uma superioridade do entrevistador. É ele quem define o assunto, o elenco de questões, o tempo e, por fim, a análise do material coletado. Por outro lado, se o entrevistado não colabora, não interage, é ele quem toma as rédeas da situação.

Algumas entrevistas foram frustrantes, mas na maioria houve muito envolvimento a ponto de me perder na fala das pessoas, entrando em seus olhos. Ora, como conseguir distanciamento nestas situações? Como não me envolver? Recusando-me a fazer a pesquisa? Várias vezes, antes das entrevistas, fui tomada pela sensação de não querer realizá-las; a vontade era desistir de tudo.

5 FINALMENTE ...

É sempre difícil controlar a subjetividade quando não se trabalha com dados inertes, mais ainda quando o investigador, por razões várias, se envolve com os elementos da pesquisa. Aqui reside o perigo. A subjetividade do pesquisador, importante elemento interferente no processo, pode ser uma armadilha prestes a disparar.

Antes de mais nada, e ratificando, o já dito, estas pesquisas não podem ser vistas apenas como forma de redimir a culpa do investigador que antes, propositadamente, se retirava da situação na tentativa de imprimir objetividade e neutralidade ao trabalho. Mas sua presença excessiva também pode ser registrada como um pecado. (CALDEIRA, 1988)

A descoberta - nem sempre fácil - do pesquisador deve ser no sentido de perceber a ambivalência de seu papel. Por um lado, ele é um ator que se envolve, por outro, um ator que interpreta falas e atitudes de outrem. O simbólico não garante e dito encontro de subjetividade e nem a intersubjetividades é algo já dado. (ZALUAR, 1986) Todo um trabalho de construção interpretativa precisa ser feito no material coletado. Lembrando a advertência clássica: os dados não falam por si só. O caminho a ser trilhado pelo pesquisador vai lhe exigir o exercício daqueles dois papéis que só se definem mais claramente à medida que cada passo é criado.

As pesquisas qualitativas envolvem situações não previsíveis. A literatura disponível oferece idéias e advertências a respeito da condução, do trabalho, mas a prática só pode ser capturada através da ação. I? um real que "se dispõe para a gente no meio da travessia", lembrando a fala de Riboaldo.

Como controlar a subjetividade? De que forma produzir o conhecimento a partir do sensível? São questões insolúveis para as quais não se prescrevem receitas, e o que fez este ensaio foi tão somente atender o convite irrecusável de registrar as revelações e inquietações que emergiram com a pesquisa que realizei. Não existiu qualquer tentativa de dissecar a realidade que vivenciei para depois reconstruí-la de forma organizada, mesmo porque a realidade daquelas situações não poderia ser de forma alguma dominada em sua total amplitude. Antes, resulta num material fragmentário, repleto de interrogações e tão diluído que me pergunto se sou eu ou o outro quem está dizendo ou pensando.

THE WAY ACROSS: notes on a piece of field research

Abstract

This article analyses questions related to qualitative research. It

discusses the process of selecting the theme of a research and the definition of methods and techniques to be employed. It describes the interview context and discusses problems related to researcher-subjectivity in the collection of qualitative data.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Llio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 133-157, jul.1988.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: _____ (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156 p. p.95-105

CASTRO, Cláudio Moura. Memórias de um orientador de tese. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 331p. p.307-326

DURHAM, Eunice A. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156p. p.17-37

MINTZ, Sidney W. Encontrando Taso, me descobrindo. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1. p. 45-58, 1984

_____.Edson de Oliveira. Pequena introdução à aventura sociológica. In: _____ (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 331p. p. 9-18

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 3, p.272-286, mar. 1987.

_____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1983. 182p

SILVA, Terezinha Elisabeth da. **Os intelectuais, a cultura e o poder: estudo de caso**. João Pessoa, 1990. 29p. Projeto de dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFPB, 1990.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 108p.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156 p. p. 107-125.